



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LÍCIA SOBROSA MACHADO**

**(depoimento)**

**2013**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-361

**Entrevistado/a:** Lícia Sobrosa Machado

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** ESEF – UFRGS, Porto Alegre – RS

**Entrevistador/a:** Gabriel Negreiros e Luciana Volkart

**Data da entrevista:** 24/09/2013

**Transcrição:** Gabriel Negreiros

**Copidesque:** Christiane Macedo e Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Christiane Macedo

**Total de gravação:**

**Páginas Digitadas:** 6

**Observações:**

Entrevista realizada para a disciplina Estudos Socioculturais III na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção da entrevistada no futebol; Clubes onde atuou; Apoio da família; Apoio financeiro; Objetivos na modalidade; Situação do futebol feminino no Brasil e Rio Grande do sul; Inserção no futsal; Formação em Fisioterapia e Educação Física; Atuação em times do país e dos Estados Unidos; Futuro profissional.

Porto Alegre, 24 de setembro de 2013. Entrevista com Lícia Sobrosa Machado a cargo dos pesquisadores Gabriel Negreiros e Luciana Volkart para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

G.N. – Licia, fale um pouco da sua história no futebol

L.M. – Na verdade, eu comecei a jogar futebol um pouco como brincadeira, a gente começa assim, não é? E com 9 anos a minha mãe me colocou numa escolinha, só que a escolinha era só para meninos, na verdade. Ela não tinha encontrado, na época, nenhuma escolinha que fosse só para gurias, e eu acho que fiz uns 3 ou 4 meses na escolinha. Eu comecei a jogar alguns jogos, alguns campeonatos e enquanto isso ela continuou a procurar algumas escolinhas para meninas. Então tinha acabado de abrir a escola do Inter<sup>1</sup>. Eu tinha 9 anos, agora eu tenho 26. Isso foi em 1997... Noventa e alguma coisa. E então eu iniciei com 9 anos, a mesma idade, porque eu já tinha feito alguns meses na escolinha masculina, e daí as coisas foram se desenvolvendo. Eu entrei mais para fazer um esporte, mais por indicação médica porque eu tinha asma, então eu tinha que fazer algum esporte. Cheguei a fazer natação, só que eu gostava de futebol. Mas não era algo que eu procurava. Na verdade, foram os meus pais que corriam atrás mais do que eu, para poder praticar mais ao longo da semana.

G.N. – Houve apoio? O que significou esse apoio?

L.M. – Logo no início eu tive apoio da minha família, e logo que eu entrei lá na escolinha eu tive apoio do próprio Inter, das pessoas que integravam lá, a comissão técnica, a diretoria... Tive apoio pra continuar lá, fui subindo, assim, acho que de forma rápida, subindo as categorias. E tinham seleções por idade, eles foram montando aos poucos porque eu entrei e eles estavam montando a escolinha, e depois foram montando as seleções por idade, sub-13, sub-15, sub-17 e sub-19 e depois o profissional. Acima dos 19 anos ou tu ficava na escolinha ou ia para o profissional, caso tu tivesse condições pra isso. Ah, o incentivo! Eu sempre tive o incentivo das pessoas que acompanhavam a minha carreira: comissão técnica, diretoria e tudo mais e a minha família. Foi esse o incentivo. Inicialmente sem nenhum incentivo financeiro.

G.N. – Quais eram os teus objetivos no início?

L.M. – Os meus objetivos no início era só praticar do esporte. Eu não tinha nenhum objetivo de me profissionalizar. Mesmo sendo da forma amadora porque no início o futebol feminino era visto de forma amadora, mas existia o profissional dentro do amador. Não sei como está hoje, na realidade. Mas não tinha o objetivo de me profissionalizar e as coisas foram acontecendo. E com 14 anos eu fui convocada pra atuar na equipe principal, que era a equipe profissional, só que eu não podia jogar, porque era só a partir dos 16 anos que se poderia participar dos campeonatos profissionais. Então eu fiquei dois anos apenas treinando naquela equipe profissional e disputando campeonatos em outras categorias. Então, como eu tinha 14 anos, eu podia disputar na sub-15, sub-17 e sub-19. Eu participava destas três seleções e do profissional sem poder atuar ainda. Na verdade, eles disseram que me chamaram para me preparar e tudo mais.

G.N. – Quanto tempo durou a sua atuação no esporte de alto rendimento? Como foi essa experiência?

L.M. – Então, quando eu fiz 16 anos eu comecei a disputar o alto rendimento porque, como eu tinha falado, eu só treinava. Depois eu comecei a disputa alguns campeonatos. Comecei disputando o Gauchão<sup>2</sup> de futebol de campo e a Copa Sul-Minas, que na época tinha tanto masculino quanto feminino. E pelo Internacional eu não cheguei a ir pelo Brasileiro, porque naquele ano que eu poderia jogar, o Inter não entrou no Campeonato Brasileiro, então, eu não cheguei a disputar pelo Internacional; fui disputar anos mais tarde pelo Juventude<sup>3</sup>, no Campeonato Brasileiro. E no ano anterior, que era um ano que eu não poderia ir, o Inter ficou em terceiro lugar no Campeonato Brasileiro. Bem, daí depois, por azar, quando eu ia fazer 17 anos, o Inter fechou as portas. Na verdade, ele fechou as portas com esse nome, mas eles tentaram manter meio que assim o time, só que ai não tinha tanto investimento financeiro. Tentaram manter o time, mudaram algumas peças, ainda continuou um ano e meio assim, um time que não tinha mais o nome do Internacional, mas que era o antigo Internacional... Mas para os campeonatos ficou mais difícil de participar,

---

<sup>1</sup> Esporte Clube Internacional.

<sup>2</sup> Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino.

já não ficou mais a mesma coisa. Daí fechou de vez, acabei saindo também, isso logo no final do ano. No início do outro ano, quando eu retomei as minhas atividades, fui chamada pra jogar nos Estados Unidos. Isso eu tinha 18, 19 anos. Eu fui convidada pra jogar nos Estados Unidos e acabei indo. Foi assim, um mês. Me chamaram, eu aceitei, e no outro mês eu já fui. Daí eu fui jogar no Estados Unidos para participar de um campeonato que tinha duração três meses e tinha uma pré-temporada de uns 20 dias. Eu fui e nesse campeonato cada estado dos Estados Unidos tinha um time, os 50 estados, então eles tinham uma seleção de cada estado, trouxeram várias meninas de fora. No time que eu estava tinham várias jogadoras de lugares diferentes: tinham meninas da Itália, Portugal, China... Tinha eu de brasileira, só eu era brasileira. Tinha o pessoal dos Estados Unidos e duas jogadoras da Jamaica, que eram da Seleção da Jamaica, inclusive. Só que eu acabei me lesionando, eu acabei jogando Womens Premium Soccer League, que era a segunda força, o segundo campeonato mais forte dos Estados Unidos, que não era nem universitário, nem o primeiro campeonato que eles tem lá, que seria um intermediário entre esses dois. Bem, acabei me lesionando, fiquei um mês e pouquinho lá, retornei para o Brasil, fiz o meu tratamento, porque a minha lesão era uma lesão crônica e tudo mais... Fiz o meu tratamento e voltei a jogar. Enquanto eu estava jogando eu ainda estava em tratamento. E joguei o Gauchão, o Brasileiro pelo Juventude e... E depois do Juventude eu joguei pelo Porto Alegre<sup>4</sup>, fiquei um ano lá que era o time que o Ronaldinho Gaúcho<sup>5</sup> montou, participei do primeiro ano. E foi isso. Daí aos poucos eu fui abandonando o futebol ou o futebol foi me abandonando. Mas fui abandonando um pouco até porque eu já fazia duas faculdades na época e eu queria me formar e tudo mais, junto com as viagens e tal, desde os meus 17 anos eu fazia as duas faculdades, e queria ter outros objetivos, e junto a isso eu levava paralelamente o futsal, que o futsal eu comecei com 14 anos junto com o profissional, eles me chamaram para os dois. Então eu jogava tanto futebol de campo quanto o futsal. Participei de dois estaduais e tal, os mais importantes que eu joguei no futsal. E acabei indo, comparando o futebol de campo, participei mais do futsal. Ah! E outro lugar que eu joguei foi na seleção gaúcha, joguei em duas convocações que foi nessa transição de ir para os Estados Unidos e voltei, enquanto eu estava no Brasil eles me chamaram. E antes de ir para os Estados Unidos também eu fui chamada para participar da Seleção Brasileira Universitária, de campo. Só que daí, como eu tinha testes para fazer nos

---

<sup>3</sup> Esporte Clube Juventude, Caxias do Sul – RS.

<sup>4</sup> Porto Alegre Futebol Feminino.

Estados Unidos, eu tinha que escolher entre uma coisa e outra. E os Estados Unidos me abriram um leque muito grande, então eu tive que ir pra lá. E daí quando eu retornei eu demorei pra me recuperar e eu não tive mais essa oportunidade.

G.N. – Como você vê a aceitação do futebol e futsal feminino?

L.M. – Desde que eu comecei a jogar, o futebol evoluiu muito, comparado a antes, mas poderia ter evoluído muito mais, principalmente no Brasil, eu acho. No Rio Grande do Sul, tem o futebol e o futsal com poucos times e ainda é fraco. Não que o nível é fraco mas o incentivo, o patrocínio, etc., isso é muito fraco ainda. Em São Paulo, por exemplo, é bem mais forte. Então, têm muitas universidades que investem, que pagam ou que dão bolsas de 100%, 50% para atletas. O que eles tentam fazer nos Estados Unidos, que até pagam salário. E quando eu fui pros Estados Unidos, eu ganhava um salário, digamos assim, porque eu não fui para fazer faculdade. Então eu não precisava de bolsa e tudo mais.

G.N. – Quais são os teus objetivos com o futsal?

L.M. – Então, hoje eu parei de jogar futebol já faz uns três anos. Eu parei porque o futebol eu sentia que me exigia muito mais preparação física que o futsal. Até porque o futsal é um jogo mais corrido. Eu sinto que acompanho muito mais o futsal, mesmo não treinando todos os dias e tudo mais, do que o futebol, porque o futebol eu estava tendo que treinar todos os dias, já não tinha mais tempo. Até por que meus estudos e minha formação não permitiram ter tempo para continuar. E, como eu falei, como aqui no Brasil não tem investimento, não me tinha um retorno financeiro considerável. E minha perspectiva hoje? Bom, eu continuo jogando o futsal universitário. Cheguei a me preparar para o Estadual deste ano, mas não consegui levar as várias atividades que eu tenho junto e eu acabei saindo. E continuo no futsal universitário, não pretendo parar tão cedo. E quando eu parar de jogar pela universidade, com certeza eu vou continuar com o futsal. Jogar o Estadual, não sei, onde eu estiver. Acho que eu não consigo parar [risos].

G.N. – E você pensa em trabalhar com o futsal futuramente após a sua formação universitária?

---

<sup>5</sup> Ronaldo de Assis Moreira.

L.M. – Olha, eu tenho a formação em Fisioterapia e pretendo me formar em Educação Física ano que vem. Eu já trabalhei, na verdade, com futebol. Eu fiz um ano e meio de trabalho voluntário. Dei aula de futebol numa escola carente onde eu participava de um projeto na época que era dos Correios e Telégrafos. E gostei muito. Se tivesse que trabalhar com futebol tanto masculino quanto feminino eu acho que eu trabalharia. Ainda que eu ache que seja mais difícil de nos aceitarem no futebol masculino. Tanto é que quando eu trabalhei no projeto eu trabalhei com crianças até 12 anos, daí é um pouco mais acessível. Até para eles aceitarem uma professora do sexo feminino [risos]. Mas se for para continuar e ensinar o que eu aprendi durante esses anos, com certeza eu aceitaria e continuaria nesse caminho, eu acho. Na verdade, o que me incentivou a fazer o curso de Educação Física foi o futebol. Foi eu gostar de esporte. Não tem nenhum outro esporte que eu possa dizer que eu tenha vontade de trabalhar, ou na área da pesquisa.

G.N. – Como eram as condições de trabalho tanto no futsal quanto no futebol?

L.M. – Bom, no Internacional tinha uma estrutura boa, que não se pode reclamar. A gente treinava, na época, no Parque Gigante, campo que tinha no Parque Gigante e nos Eucaliptos, que era o antigo estádio do Internacional, que na época ainda tinha o campo ali. Daí eles destruíram o campo e fizeram canchas de futebol 7. Agora, eles realmente destruíram o estádio. Mas assim, a estrutura era muito boa, a gente treinava durante o dia. A estrutura do Inter era muito boa, a gente recebia almoço todos os dias, almoçávamos com os jogadores, como os juniores e tudo mais. De vez em quando os profissionais almoçavam conosco. A gente tinha acesso a todos os jogos do Internacional gratuitamente. Tínhamos uma carteirinha para ir. E tínhamos algumas regalias dentro do clube desde uniforme, tênis, chuteira, uniforme de jogo, de passeio, de treino... Bom, na verdade tinham jogadoras que recebiam. No geral, não vou saber precisar quanto que recebiam. Eu na época, quando eu iniciei, eu não podia receber porque eu não tinha carteira assinada, eu tinha 14 anos. Só depois que eu fiz 16 o negócio mudou a forma de ser. Então, pelo Internacional, eu nunca ganhei salário para jogar. Sempre joguei pelo amor... A gente sempre ganhou incentivo, como eu te falei, a gente ganhava almoço, ganhava passagem, ganhava uma bolsa-auxílio, na verdade, algumas jogadoras. O único lugar que eu recebi para jogar foi nos Estados Unidos, que era um valor considerável, bem bom. Na verdade,

no Brasil, eu nunca recebi para jogar. Só quando eu fui pra fora que recebi. No Brasil eles no máximo davam uma bolsa-auxílio. Me ofereciam, as vezes, um salário-mínimo para ir jogar em São Paulo com bolsa e tudo mais. Mas nada assim que socialmente relevante, assim. Nos Estados Unidos, eu ganhava mais ou menos uns mil e quinhentos dólares para jogar, próximo de cinco mil reais, então... Valia muito mais a pena do que jogar aqui [risos]. Essa era a bolsa-auxílio dos Estados Unidos [risos]. Me ofereceram para jogar fora, assim, um salário bem alto, mais do que os Estados Unidos, que eu não acabei indo na época por outras opções, na verdade. Uma pessoa da minha família estava com um problema de saúde. Daí outros países já me ofereceram que foi o México, Itália e Espanha. E os Estados Unidos mais algumas vezes me ofereceram para fazer faculdade. O futebol feminino não tem nem comparação ao futebol masculino. Nós temos muita dificuldade de conseguir patrocínio inclusive das equipes profissionais. Acho que nesse sentido não evolui muito, como eu falei, comparado há anos atrás evoluiu alguma coisa, mas não evoluiu muito. No Brasil e principalmente no Rio Grande do Sul. Se tu for ver em alguns lugares de São Paulo tem patrocínio e bolsa da Puma<sup>6</sup> e tudo o mais, universidades que investiram nisso. Porque tem um retorno isso também. Eu acho que aqui no Rio Grande do Sul quem mais investiu a nível universitário foi a Ulbra<sup>7</sup>. A Ulbra e a Feevale<sup>8</sup>. Mas o investimento deles era dar a bolsa. Uma vez eles me ofereceram, mas na época eu não acabei aceitando. Era uma bolsa de apenas 50%. A faculdade que eu pagava já era mais barata quando eu estudava, no IPA<sup>9</sup>, fora o deslocamento, que iria dar no mesmo. As condições sempre foram difíceis. Inclusive, quando a gente jogava pela escolhinha do Ronaldinho Gaúcho, que tinha uma estrutura bem forte. Tinha no próprio lugar tudo: sala de musculação, alojamento, tinha vários campos para treinar. O ônibus do Ronaldinho Gaúcho tinha até videogame dentro [risos]. Era um negócio diferente. Mas mesmo assim, nós não tínhamos salário. Era tipo uma bolsa-auxílio.

G.N. – Ok, é isso então. Obrigado!

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>6</sup> Empresa de materiais esportivos.

<sup>7</sup> Universidade Luterana do Brasil, RS.

<sup>8</sup> Universidade Feevale, mantida pela Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo - RS (Aspeur).

<sup>9</sup> Instituto Porto Alegre, Rede Metodista de Educação do Sul.